

O PAPEL DOS FORTES DO NOROESTE AMAZÔNICO ESTUDO IMAGÉTICO DE ASSENTAMENTOS NO PERÍODO POMBALINO.



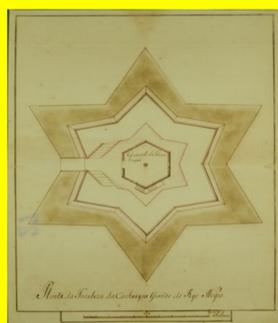
Autor: Felipe Saul da Silva Ferreira (felipesaul355@gmail.com)

Orientador: Dr. Fernando Luiz Tavares Marques (fernando@museu-goeldi.br)

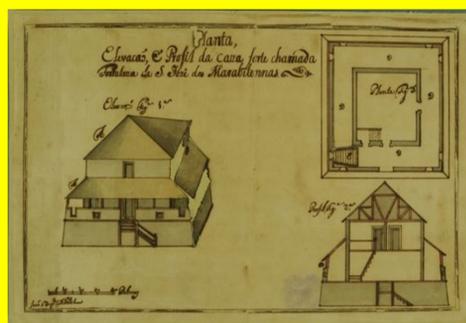
Resumo: O período trabalhado em pesquisa é marcado pela implantação do tratado de Madri em 1750 e pela administração pombalina. Os fortes coloniais e os assentamentos durante esse período assumem uma importância como polos demarcadores e asseguradores das posses da Coroa, principalmente dentro da região do noroeste amazônico. Os objetos desse trabalho são os fortes de S. Gabriel da Cachoeira e S. José de Marabitanas, ambos construídos em 1763. O estudo desses espaços se faz necessário para que se defina a função que esses assentamentos possuem no período colonial, quais os discursos que justificavam a construção desses espaços, o modo que se dava as relações entre os diversos agentes que conviviam nessa região e para que se busque a memória sobre esses locais, e a partir disso que haja a preservação/conservação destes, tudo isso levando em conta o levantamento documental e a análise das fontes iconográficas, que foi depositado no Arquivo Público do Estado do Pará e que estão acessíveis nos Acervos digitais, permitem análises sobre o a disposição das construções das fortalezas, por meio dos trabalhos sobre arquitetura e engenharia militar do período Moderno.

Metodologia: Em relação a metodologia adotada na pesquisa, podemos dizer que de modo geral ela tem por abrangência o levantamento das fontes iconográficas, escritas e bibliográficas que se relacionem aos eixos do projeto; A organização e análise dessa documentação, seja ela colonial e pós-colonial, que finde na elaboração de um catálogo com dados sobre as fontes e que facilite a busca dessas por outros pesquisadores, pois o projeto “Arqueologia, história e memória de assentamentos coloniais no noroeste amazônico” deve ser visualizado como um trabalho a ser feito a longo prazo. Além disso, a pesquisa de campo com fins arqueológicos e de análise da conservação de cultura material se faz necessário, pois a partir da arqueologia se faz possível a preservação e a introdução de uma memória sobre a localidade, não somente na comunidade presente naquela região. Todas essas atividades visam à produção de conhecimento sobre o processo de ocupação humana na Amazônia, principalmente no Rio Negro, e pretende-se fazer o estudo desse processo tanto do ponto de vista da história indígena, quanto do ponto de vista do colonizador. Espera-se que com o desenrolar da pesquisa, seja oportunizado a distribuição de subsídios para o desenvolvimento de projetos de conservação, de difusão cultural e de trabalhos da área de arqueologia e de história indígena no noroeste amazônico. Então, por tratar-se de um projeto interdisciplinar, se fez pertinente não nos prendermos apenas com o aporte teórico de uma vertente, como exemplo a arqueologia. Faz-se possível abordagem com autores da história, da antropologia, e até mesmo com autores das ciências biológicas e da arquitetura. Esse estudo interdisciplinar gera a oportunidade de compreensão dos aspectos inerentes à problemática da colonização. Logo, vale ressaltar que a busca pela interpretação dos processos históricos e culturais, resultados do contato entre europeus e as etnias indígenas, e que foram desencadeados dentro de espaços como os fortes e assentamentos a eles articulados, esses se encontram do ponto de vista arqueológico e etnográficos pouco conhecidos.

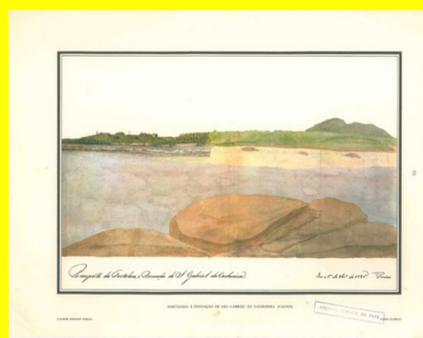
Resultados: Para a construção de resultados da pesquisa, algo que foi muito proveitoso foram os seminários de leituras, feitos com a participação dos orientadores: Márcio Augusto Freitas Meira, Décio de Alencar Guzmán, Fernando Luiz Tavares Marques e Helena Pinto Lima. Sobre os resultados obtidos, podemos destacar que conseguimos concluir o levantamento de documentação que se encontra disponível no Arquivo Público do Estado do Pará, e catalogamos as informações desses documentos. A maior parte desses documentos possui a procedência de “correspondências de diversos com o governo”, em questão as iconografias obtidas, temos as elaboradas na “Viagem Filosófica” por Codina e Freire, e algumas plantas relacionadas às fortificações encontradas no Arquivo já digitalizado do Arquivo Público do Pará.



"Planta da Fortaleza da Cachoeira Grande do Rio Negro" [1]. Ao centro temos escrito "Quartel da guarita". Imagem encontrada na Biblioteca e Arquivo Público do Pará, no acervo digitalizado na pasta "Fortalezas.JPG" dentro da pasta "Iconografias" tendo como referência BRAAPEP.IC.FO.0005



"Planta" - "Elevação, E perfil da casa forte chamada Fortaleza de S: José dos Marabitanas"[1] por José Baptista Martel. Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Acervo digital, pasta "Fortalezas.JPG" contida na pasta "Iconografias" tendo como referência BRAAPEP.IC.FO.0033.



"Prospecto[1] da fortaleza, e povoação de S: Gabriel da Cachoeira" [2] - Feito por Freire em 1785. Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Acervo digital, pasta "VIAGEM FILOSÓFICA. VOL.1." contida na pasta "Bibliográficos" tendo como referência VIAGEM FILOSÓFICA. VOL.1.110.

A partir do trabalho feito em parte por mim e de maneira mais ampla por meu parceiro Ricardo Borges, sobre as fontes documentais escritas, em especial as correspondências de diversos com o governo, muitas das informações obtidas se relacionam com questões econômicas, de comércio e do relacionamento, geralmente da frota armada com os nativos e civis. Algumas das fontes nos apontam sobre relacionamentos como a formação de alianças com os indígenas da parte espanhola e sobre os descimentos feitos durante o recorte temporal estudado.

Sobre essas correspondências, a maioria é referente a Barcelos, sendo poucas as encontradas por nós as que dizem respeito a São Gabriel da Cachoeira e Marabitanas.

Conclusão: A partir das inferências com o que foi analisado na documentação referente a outros assentamentos da região do Rio Negro, podemos dizer que a região das fortificações que serviram de objeto para essa pesquisa, assim como os outros foi ponto de intensa relação entre os nativos, os colonizadores, as ordens religiosas e nações estrangeiras. Além disso, as fortificações não assumem o único papel de servir como pontos de demarcação dos territórios, elas acabam por assumir a função de pontos de trocas culturais e principalmente culturais. Então, mesmo com as dificuldades encontradas, especialmente a carência de material iconográfico dos fortes que caibam no recorte temporal pesquisado, e de carência de documentação escrita que se relacione especificamente sobre as condições e as relações das fortificações com as outras capitanias, a coroa e os nativos, o estudo de outros assentamentos que se situam na região e que foram construídas no mesmo período, nos forneceu informações norteadoras ao funcionamento dessas estruturas e instituições coloniais.

Outras dificuldades que encontradas no decorrer da pesquisa diz respeito a certa dificuldade que tivemos com a leitura de certos documentos. Por se tratar de um estudo com fontes do período colonial, o pouco conhecimento paleográfico dificultou em parte a leitura de certas documentações. Porém, essa dificuldade acabou sendo sanada, com a constância de presença nos Arquivos e o contato com essa documentação. A obra de Ana Regina Berwanger e João Eurípedes Franklin “Noções de paleografia e diplomacia” me foi de extrema valia e de auxílio para um melhor trato com a caligrafia/paleografia do período, outra obra que contribuiu bastante para leitura da documentação foi “Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI e XIX” de Maria Helena Ochi Flexor. De forma geral, a pesquisa se encaminhou de maneira muito produtiva, porém, o objeto de pesquisa abre um leque de opções gigantesco para pesquisa e trata-se de um trabalho a ser feito em longo prazo. A questão da memória sobre a localidade deve ser incentivada mais e mais, além disso, a necessidade de pesquisa em campo é muito importante, principalmente a partir da arqueologia, o forte de São Gabriel da Cachoeira está desaparecido e atualmente encontra-se nos limites em que pertencem a Companhia de Saneamento do Amazonas (COSAMA).

Referências bibliográficas

- ALDROVANDI, C.E.V. *A imagética pretérita: perspectivas teóricas sobre a Arqueologia da Imagem. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 19: 39-61, 2009.
- CABALZAR, Aloísio; RICARDO, Beto. *Mapa-livro; Povos indígenas do Rio Negro: uma introdução à diversidade socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira*. FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro; ISA – Instituto Socioambiental. 3ª edição. São Paulo, 2006.
- BASTOS, Carlos Augustus; LOPES, Siméia de Nazaré. *Comércio, conflitos y alianzas em la frontera luso-española: Capitanía de Rio Negro y provincia de Maynas, 1780-1820*. *Procesos: revista ecuatoriana de historia*, n.º 41 (enero-junio 2015), 83-108.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *História dos Índios no Brasil*, São Paulo, FAPESP/SMC/Companhia das Letras, 1992.
- COSTA, Graciete Guerra da. *Fortificações na Amazônia*. *Navigator*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 109-118, out. 2014.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI e XIX*. 3 ed. rev. Aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.
- GUZMÁN, Décio de Alencar. *A colonização nas Amazonas: guerras, comércio e escravidão nos séculos XVII e XVIII*. *Revista de Estudos Amazônicos*, Vol. III n.º 2, 2008, p. 103-139.
- LIMA, H. P.; MARQUES, F. L. T.; MESQUITA, F. J. L. *FORTE SANTO ANTÔNIO DE GURUPÁ*. BELÉM: IPHAN/Marques Editora, 2018.
- MEIRA, Márcio. *“Processo Colonial: Escravidão e Aviamento no Noroeste Amazônico, 1640-1798”*. In: A persistência do aviamento: Colonialismo e história indígena no Noroeste Amazônico. São Carlos: EdUFSCar, 2018.
- SILVA-REIS, Dennys. *História Visual da Tradução: iconografia do século XIX no Brasil. Domínios de Linguagem*, Uberlândia, vol. 11, n. 5, p. 1475-1504. 2017.
- NORAT, Rosane; COSTA, Marcondes. *As fortificações da Amazônia: desafios e perspectivas para sua preservação*. 1º Simpósio Científico ICOMOS Brasil Belo Horizonte, 2017.
- VELLOZO, Diogo da Sylveyra. *Arquitetura militar ou fortificação moderna*. EDUFBA. Bahia, 2005.